

A ETIOLOGIA DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS E A ETIMOLOGIA DA PALAVRA “DIREITO”

ARI OTHON SIDOU

1. Etimologia, do grego ετυμολογία (composto ετυμος = verdadeiro + λογος = discurso), é a ciência que investiga a origem de um vocábulo em sua evolução histórica e as transformações que ele, em maior ou menor escala, pode experimentar em face do natural desgaste na comunicação de um povo. Como ciência positiva, é a mais nova das partes da gramática. E sua existência vem do século XVIII, quando passou a ter regras coerentes e lógicas, que afastaram as construções apressadas e inverossímeis.

Seu correlativo é a Etiologia, do grego αιτιολογία = estudo sobre a origem das coisas, que bem se pode dizer o gênero de que a etimologia é a espécie.

Baseados nos étimos (palavras fontes), os etimologistas mergulham nos antigos textos e nas comparações com outras línguas, às vezes, praticamente desaparecidas, para reconstruir a história das palavras, suas fontes, suas formas e seus significados.

Ao comparar línguas correlatas, conclui-se algo sobre as línguas afins e, analisando os radicais encontrados, faz-se um percurso retroativo à origem das palavras, integrantes das línguas indoeuropéias.

A etimologia somente veio se constituir ciência quando o alemão Jacob Grimm (1785-1863) descobriu as leis fonéticas do seu próprio idioma e deu-as a conhecer com a publicação de sua *Gramática Alemã*. Em 1836, outro alemão, Friedrich Cristian Diez, iniciou a publicação da monumental *Gramática das Línguas Românicas*, estabelecendo as interrelações das línguas latinas entre si, e com o próprio latim, por meio de leis fixas quase matemáticas. Desde então, a etimologia tornou-se verdadeira ciência e é um dos mais importantes estudos lingüísticos.

2. O Latim e o Grego integram a grande família indoeuropéia. Do latim, originado no Lácio, região da Itália, e falado depois em toda a península romana, provêm as línguas românicas: francês (século IX); espanhol (século X); sardo (século XI); italiano, provençal e rético (século XII); português, catalão e francoprovençal (século XIII); dálmata (século XVI) e romaico (século XVI) — todas resultantes do latim com os falares locais, durante a grande expansão do império, que se estendia da Península Ibérica à Mesopotâmia e do Norte da África à Bretanha.

Abre-se oportunidade para registrar que o Latim também deu suporte a língua não neolatina. Trata-se do Inglês, no qual participa (grego pelo latim e latim tardio) numa proporção de pouco mais da metade, sendo de 30% a participação da língua germânica, e deixando o mais ao que é de origem duvidosa ou instintiva.

A presença dos romanos na Bretanha ocorreu no ano 44 d.C. à época do Imperador Claudius, quando a grande ilha foi anexada ao Império Romano e o latim foi imposto como língua oficial, passando a exercer grande influência na cultura celta-bretã. Três séculos e meio de presença das legiões romanas resultaram em profundo predomínio na estrutura das tribos celtas que lá habitavam. Embora pouco falado pelo povo, era o Latim a língua da elite cultural. Grande foi, particularmente, a influência dos normandos, povo do Noroeste da França, resultando no enorme percentual de palavras de origem latina (60% aproximadamente) no vocabulário inglês.

Verifica-se que, entre o século IX, quando surgiu o Francês, e o XVI, caracterização do Romeno, ou Romaico, sete séculos transcorreram para que a língua mãe, o Latim tardio, fosse reformulado para a formação dos idiomas dele oriundos.

“A *declinação* latina desapareceu nas línguas românicas por efeito de tendência analítica, já intensa no latim bárbaro, a qual foi substituindo as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições”. (João Ribeiro. *Gramática Portuguesa*, 13ª ed.).

Por constituir o falar de populações restritas a pequenas regiões, alguns desses idiomas foram levados ao esquecimento e mesmo à condição de língua morta. Vale a pena dar-lhes sumária explicação.

Sardo — formado na ilha da Sardenha (Itália), pela aglutinação de quatro dialetos falados nos quatro cantos da ilha.

Rético — idioma falado na Récia, região dos Alpes Centrais (entre a Áustria, a Itália e a Suíça) e também originado da aglutinação de dialetos.

Provençal — língua do Sul da França (região da Provença). Surgida no século XI, deixou de ser falada no final do século XIV, quando absorvido pelo francês.

Catalão — falado nas províncias da Catalunha e de Valência, nas ilhas Baleares e em Andorra (Pirineus).

Dálmata — a primeira das línguas românicas; falada na Dalmácia (Croácia), extinta no final do século XIX, quando falecidas as últimas pessoas que nela se expressavam.

3. Claro que nessa cronologia está apenas o traço de aproximação, porque parece improvável que um idioma possa ser desraigado da língua mãe em data exata e com nascimento determinado, embora, ao oposto, possa ter extermínio certo; já observamos quanto ao idioma dálmata.

Ao contrário, e mesmo em face das línguas correntemente faladas, é possível prenunciar o declínio e a conseqüente extinção de certas expressões, que, aos poucos, quase imperceptivelmente, vão sumindo do emprego cotidiano, sobretudo na linguagem popular, até cair em desuso. Exemplo temos na língua portuguesa, pelo menos no Brasil: caminham, sem dúvida, para a eliminação os tempos verbais “mais-que-perfeito” e “infinito pessoal”. Para curiosidade: “mais-que-perfeito” é forma recente de expressar o *plus quam perfectum*, e como tal tinha emprego ainda no século XVII, citado na célebre “conjugação do verbo RAPIO”, do Padre Antônio Vieira.

4. Com relação ao Português, que, pelo exposto, não é bem “a última flor do Lácio” (desse rosal, derradeira seria o romaico), vale a pena transcrever alguns trechos de documento escrito no século XIII e recolhido da velha “Antologia Nacional”, de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Trata-se do testamento do rei de Portugal Afonso II, que reinou até 1223.

Testamento de D Afonso II (século XIII)

Em nome de Deos Eu, rei don Afonso, pela graça de Deos rei de Portugal, seendo são e salvo, temente o dia de mia morte, a saúde de mia alma e a proe de mia molher, raía dona Orraca, e de meus filhos, e de vassalos, e de todo meu reino, fiz mia manda, per que, de pós mia morte, mia molher e meus filhos e meu reino e meus vassalos e todas aquelas cousas que Deos mi deu em poder sten em paz e em folgança. Primeiramente mando que meu filho, infante don Sancho, que ei da raía dona Orraca, aja meu reino inteiramente e en paz. E, se este for morto sem semel, o maio filho que ouver da raía dona Orraca aja o reino inteiramente e en paz. E se filho Baron não ouvermos, a maior filha que ouvermos aja-o. E se no

tempo de mia morte meu filho ou mia filha que devier a reinar non ouver revora, seja en poder da raía, sa madre, e meu reino seja en poder da raía e de meus vassalos, ata quando aja revora. E se eu for morto, rogo o apostoligo, come padre e senhor, e beijo a terra ante seus pees, que el recebia en as comenda e so seu difindemento a raía e meus filho e o reino.

.....
E se a dia de mia morte meu filho ou minha filha, que no meu lugar ouver a reinar, não ouver revora, mando aqueles cavaleiros que os castelos têm de mi enas terras que mi têm os meus ricos om?es, que os den a esses meus ricos om?es que essas terras teviere. E os meus ricos om?es den-os a meu filho ou a mia filha que no meu lugar ouver a reinar, quando ouver revora, assi como os darian a mi. E mandei fazer treze cartas con aquesta, tal un come outra, que per elas toda mia manda seja comprida.

5. Fatores múltiplos contribuíram para o surgimento dos idiomas neolatinos no curso de seis séculos, resultantes, além de modificações operadas pela evolução constante com seu natural desgaste, a dificuldade de comunicação nos evos da Idade Média. Ainda hoje é o que se observa com o sotaque, ou pronúncia característica de uma região. Mesmo na era dos transportes rápidos e da informática instantânea, tornando os povos menos distantes entre si, persistem a terminologia e o sotaque de uma região, ligados à língua materna. É sabido que José de Alencar já prognosticava uma língua brasileira afastada do português de Lisboa, do mesmo modo que o inglês falado em Londres difere bastante do que é ouvido nos Estados Unidos. Mesmo no território brasileiro, na extensão de seus mais de oito milhões de quilômetros quadrados, a pronúncia do nordestino é instantaneamente reconhecida, e, do mesmo modo, a do gaúcho e da região matogrossense.

Assim, um idioma não tem data certa de surgimento. Dá-se, então, o arrimo fictício na unidade século, porque cem anos são um tempo mínimo para observar a metamorfose idiomática.

6. O estudo da etimologia dos vocábulos é fascinante e acha-se ligado a todas as ciências, pois, em quaisquer pesquisas, a fonte etimológica está presente, fazendo partirem daí as conclusões a serem tomadas. Mas é, às vezes, intrigante e pode resvalar para etimologias fantasiosas e ilógicas. Quem atinaria que a palavra “homem” decorre de *humus* latino, que se pode traduzir como barro mole ou terra sem cultura; e que a palavra “mulher” vem do comparativo *molis*, ou mais mole (sexo frágil)!

Não pode fugir à exceção a ciência “do bom e do justo”, no eterno ensinamento de Ulpiano, a qual encerra vocábulos que hoje, nem de perto, se compaginam com o que se tem por Direito.

7. Nos primórdios da civilização romana, o *direito* surgiu como *jus* (direito humano) e *fas* (direito natural), ambos irmanados de inspiração sobre-natural e assim privilégio dos monges e segredo dos mosteiros.

“O direito não nasceu da noção de justiça, mas brotou da idéia de religião, e não podia ser concebido fora desse ângulo. O direito nada mais era do que uma das faces da religião. Sem comunidade de religião não podia haver comunidade de lei”. Fustel de Coulanges (*A cidade antiga. Estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma.*)

O *jus civile*, no nascedouro de Roma e privativo dos quirites (patrícios romanos), era um direito altamente rígido e impregnado de preceitos éticos, morais, religiosos e jurídicos.

Emile Littré, o famoso lexicógrafo francês, deduz que o *IUS* latino é provavelmente derivado do monossílabo védico *YOS*, na acepção de ordenamento ou comando. Registre-se que o védico é a linguagem primitiva religiosa dos hindus.

Aristóteles, o grande estagirita, homem de cultura polifórmica, cuja abrangência incluía lógica, método científico, ciências naturais, psicologia, teoria do conhecimento, metafísica, teologia, ética, política, ciência literária e retórica, usava o vocábulo grego *Dikaion* para designar o direito. Assim *Dikaion phisikon* era o direito natural, e *Dikaion nomikon*, o direito positivo.

Do vocábulo *jus/juris* provêm todos os cognatos: jurisdição, júri, justiça, jurisprudência etc...

Do vocábulo *fas* derivam os termos em português *fasto* e *nefasto*, significando dias propícios (*fastos*) e não propícios (*nefastos*), no calendário romano.

Quanto ao vocábulo *direito*, os romanistas são unânimes em afirmar sua origem do verbo latino *dirigere*, de cujo supino *directum* se originou seu particípio passado *directus-a-um* e que significa ir em frente, dirigir, lançar-se em linha reta.

Considerando-se o arraigado panteísmo, nos primórdios de Roma, ser o *Jus Civile* eivado de princípios mais éticos, morais e religiosos do que propriamente jurídicos, concordamos, sem distorcer o sentido etimológico, que o vocábulo *direito* se originou do verbo *dirigere* em seu particípio passado (*directus-a-um*) que, por sua vez, vem do supino *directum*.

Aprofundando a pesquisa e contradizendo os étimos até agora estudados, porém, concluímos que o verbo latino *dirigere* resulta da fusão de *dis* + *regere* que, por assimilação progressiva, deu *dis* + *rectum*, cujo sentido original era o direito ser regido pelos deuses (*dis* = ablativo plural irregular de *deus-i*, 2.^a declinação), conforme o espírito norteador da atividade jurídica nos primórdios da civilização romana.